



falauJuf

Outubro
Rosa

EDIÇÃO Nº 762

SALVADOR/ BA - 21 DE OUTUBRO DE 2019




Aniversário

21/10 - Eduardo Jose Santiago da Silva	23/10 - Jair Antonio de Abreu Farias
22/10 - Orlando Ferrer de Santana	24/10 - Dina Moreira Carvalho
23/10 - Andrea Cristina Souza Brito	26/10 - Flora Geni M. dos Santos Oliveira
23/10 - Iracema Lima Velame Branco	26/10 - Noemia Leite Mendes Riccio
23/10 - Paulo Cesar Alves dos Santos	27/10 - Amauri Fontes Nascimento
23/10 - Waldemar Medeiros Freitas	27/10 - Ana Claudia de Oliveira Ortiz

ENTREVISTA - NOVA PROFISSIONAL

ESPAÇO TERAPÊUTICO da ASSERJUF conta com a Psicóloga Doris Fernandes

Continuação da entrevista publicada na edição anterior (nº 761)

O FalaJuf entrevistou a **Psicóloga Doris Fernandes** (CRP 03/5443):

- Pós-graduada em Psicopatologia Clínica
- Psicoterapeuta Trainee em Biossintese



Ela está a serviço da ASSERJUF no Espaço Terapêutico, segundas e quartas, e nos contou sobre seus objetivos, suas experiências profissionais e os desafios, além de nos contar sobre os desafios e esperanças da profissão.

Falajuf: Em sua opinião, como é possível medir o resultado dos instrumentos clínicos utilizados em um paciente? Como saber se estão resultando em algum benefício real?

Psic. Doris: "Bem esta questão se resume a Psicologia de atuação clínica, e aí temos abordagens diferentes, que 'medem' os resultados dos instrumentos clínicos utilizados de formas diversas, e sob diferentes aspectos. Mas um conceito é comum a todas as abordagens: a psicologia não é uma ciência exata, não se trata de uma engenharia, ou física, onde se pode fazer uma análise com gráficos, e um relatório anual de atividades, de acordo com as 'metas' estabelecidas. Então esta medição é uma coisa meio difícil de ser generalizada, à priori. É no processo psicoterapêutico que o próprio paciente vai percebendo o resultado da sua trajetória. É processual este resultado, bem como a percepção do paciente. Tanto na área da medicina (e paramédicas) quanto na psicologia há uma diferença entre a queixa e a verdadeira demanda do paciente. Esta é uma diferença fundamental entre a forma de trabalhar de um (bom) psicólogo, e um psicoterapeuta ou correlato (com todo respeito às outras profissões). Este olhar e esta escuta especializada, permeada de muito acolhimento, empatia, e ética, é que faz a diferença nos resultados que vão se sobrepondo ao longo do processo psicoterapêutico".

Falajuf: O que ainda falta no Brasil para que a profissão seja mais divulgada e atenda a uma população maior?

Psic. Doris: "Acho que o principal entrave à ampliação desta prestação de serviços venha de um tipo de preconceito ainda vigente na sociedade. Em pleno século XXI, onde a depressão é apontada como a doença mais incapacitante do mundo (dados da Organização Mundial de Saúde), a psicologia ainda é vista como um luxo, ou dispensável. No Brasil temos cerca de 11,5 milhões de pessoas diagnosticadas com a doença, segundo dados da OMS. Também a ansiedade lidera o ranking das doenças psi. Em 2017 tínhamos 18,6 milhões de brasileiros (10% da população) com transtorno de ansiedade. É de suma importância quebrar o estigma que ainda impede as pessoas a procurarem por ajuda. Hoje em dia já se sabe da correlação entre depressão e ansiedade com doenças cardiovasculares, obesidade, hipertensão, colesterol alto, insônia. Estudos apontam que pessoas com transtorno de ansiedade generalizada (TAG) apresentam um risco 30% maior de ter uma doença cardiovascular. Pessoas com insônia recorrente (as que dormem menos de 6 horas por noite) apresentam um risco maior de desenvolver hipertensão. Trata-se, portanto de casos de saúde pública e deveriam ser tratados com a seriedade que merecem. Sobretudo em um país onde o orçamento para a saúde via SUS, e a oferta de planos de saúde exequíveis minguam a cada ano".

Falajuf: Quando é o momento de procurar ajuda?

Psic. Doris: "Dizem que 'a terapia é essencial para preservar o equilíbrio de quem tem a sorte de ainda não o ter perdido'. As pressões diárias, a tomada de decisões frente às mudanças, os 'lutos' pelas perdas de toda ordem, vão aos poucos minando nosso equilíbrio psíquico, e quando esta 'bomba' explode, nos descobrimos com um grave transtorno psicológico, quando não físico. Sempre é o momento de cuidar de si mesmo. Quando temos uma dor de dente corremos para um consultório odontológico, mas se a dor é na alma, um psicólogo é o profissional indicado para cuidar deste desconforto. Há formas de avaliar pontuações na ocorrência de certos transtornos, que sinalizam a necessidade de procurar ajuda especializada com certa urgência. Este é um assunto longo, e poderia escrever um artigo, ou coordenar uma roda de conversa sobre este tema. Fica a dica para vocês da Associação, risos... Mas penso que também seria interessante e democrático, fazer uma enquete com os servidores ou associados, sobre temas de interesse, para realizarmos uma palestra ou rodas de conversa, no próximo mês".

Falajuf: Qual dica ou inspiração você quer deixar para nossos leitores?

Psic. Doris: "Uma inspiração vinda do universo de Guimarães Rosa, tão apropriada para estes tempos:

'A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta, o que ela quer da gente é coragem (Guimarães Rosa)'.

EXPEDIENTE



Jornal acessado por e-mail por 569 associados
Disponível em www.asserjuf.org.br
Tiragem: 88 exemplares impressos / Periodicidade: semanal
Direção e Revisão: Luzineide Oliveira
Criação / Diagramação: Elaine Reis
Diagramação e Textos: Pedro Chrysostomo (estagiário)
Distribuição para servidores inativos.
Obs.: A ASSERJUF não se responsabiliza pelos textos assinados e publicados no jornal.

ASSERJUF - Associação dos Servidores da Justiça Federal na Bahia
Av. Ulisses Guimarães, 2631 - Sussuarana
Salvador - Ba - CEP. 41.213-000

DIRETORIA EXECUTIVA

Vera Maria Barros Pereira (CEMAN)
Luzineide Araújo de Oliveira (SEBIB)

DIRETORIA ADMINISTRATIVA/ FINANCEIRA

Marlene de Jesus (13º Vara)
Ágüido Miranda Barreto (NUCUJ)

DIRETORIA DE BENEFÍCIOS, COMUNICAÇÃO E EVENTOS

Manoel Pinto Rodrigues da Costa Neto (CEMAN)
Cristina Simões de Oliveira (CEMAN)

CONSELHO FISCAL 2019 / 2021

Titulares

Paulo Márcio Rodrigues de Souza
Joilton Pimenta da Silva
Claudio Henrique Santos de Oliveira

Suplentes

Adalice Menezes de Almeida
Dirceu Lelis Aranha
José Zito dos Santos

☎ 71 3306-8382

🌐 www.asserjuf.org.br

📍 [fb.com/asserjuf](https://www.facebook.com/asserjuf) [asserjuf_ba](https://www.instagram.com/asserjuf_ba)

FALA ASSOCIADO...



tudo, e que pode ter sido engendrado exclusivamente pelo homem, ao longo de séculos e séculos, para explicar e dar sentido à existência, em um mundo onde reinavam - e ainda reinam - o silêncio, o desconhecido, a superstição e o medo. Desde a mais tenra idade, o homem, ainda como animal imberbe, na fase de torpor diante das situações da vida, no momento em que o processo de formação da sua personalidade está nos primeiros passos, ainda como ser insipiente e incipiente, começa a receber da sociedade em que vive valores morais e "verdades" que devem ser aceitos, a exemplo, inclusive, de sacramentos religiosos como o batismo, a primeira comunhão etc.

Desde criança, sempre tive um comportamento meio reticente em relação às questões religiosas que estavam sendo impostas a mim. Como ainda não soubesse adjetivar e conceituar as coisas, tinha a impressão estranha de que algo errado estava acontecendo, apesar de não conseguir verbalizá-lo. Talvez fosse uma sensação de estar sendo alvo de violência do sistema em que vivia, tentando castrar elementos da minha individualidade em formação, que estavam em desacordo com os valores desse mesmo sistema. Era uma sensação de estar sendo "formatado" para "estar de acordo" com o "semelhante" (já artificialmente formatado) - esse estar de acordo não é uma condição natural para o homem, pois o fato de ser um indivíduo, ou seja, único, já o coloca em desacordo natural com o "semelhante". Naquela época, se eu tivesse que me transformar metaforicamente em alguma coisa, talvez desejasse ter sido transformado em palavras tais como: "o porquê", "por que" ou "como". A personalidade que estava se formando em mim, caracterizada por uma "libido investigativa", reflexiva e questionadora, servia de resistência natural, e ainda serve, para qualquer aceitação de preceitos que, no meu entendimento, não sejam argumentativos e plausíveis, pois o dogmatismo, em qualquer área, principalmente o religioso, é a maior aversão, creio, de quem tem uma personalidade com essas características.

No início da adolescência, ainda não me sentia à vontade para me definir como ateu ou teísta. Diante da gama de informações a que estava sendo exposto - e continuamos sendo -, não construía argumentos convincentes para mim mesmo, que me fizessem escolher, de maneira autêntica, espontânea e segura, uma coisa ou outra, embora, quanto à questão religiosa, não visse importância alguma em "ter que escolher". Ainda no portal da adolescência, deparei-me com a palavra que me "batizou". Na verdade, eu não a encontrei, foi ela que me encontrou: agnosticismo, do grego Agnostos (desconhecido), em oposição à Gnose (conhecimento). O agnosticismo considera que a razão não é suficiente para comprovar a existência de Deus nem a sua inexistência; é uma espécie de neutralidade religiosa, de "terceira via" no campo religioso, fugindo à polarização teísta X ateuista. O agnosticismo não toma partido, apenas considera os argumentos teístas e ateístas como POSSIBILIDADES.

Como podem ter sido as reações dos primeiros seres semelhantes ao homem diante dos acontecimentos da natureza, tais como vulcões em erupção, violentas tempestades, raios chamuscando a vegetação, trovões, terremotos, seca inclemente, doenças, a morte..., ou qualquer outro fenômeno grandioso? Provavelmente o medo do desconhecido, as emoções e a impotência diante das forças da natureza foram a base dessas reações. Não poderia ser diferente que aqueles seres primitivos - com capacidade mental ainda muito primária, de uma época tão remota, quando as ferramentas eram feitas de pedra ou madeira - tentassem explicar esses "mistérios", conflitos e caos, com fundamento em uma "bagagem cultural" e informações ainda inexistentes, pois o pensamento mais complexo, racional e investigativo acerca dos fenômenos naturais só foi conquistado após séculos e séculos de uso da massa encefálica.

É possível que as primeiras manifestações religiosas tenham sido realizadas antes do aparecimento da nossa espécie, o homo sapiens (em torno de 300 mil anos), ou seja, milhares de anos anteriores ao surgimento da escrita (em torno de 3.500 a.C.) e de qualquer expressão verbal que se confundisse com algum idioma. Um dos nossos primos mais próximos, o homem de Neandertal (em torno de 400 mil anos), por exemplo, já colocava no túmulo os pertences do morto, presumivelmente imaginando que os objetos seriam aproveitados pelo defunto em algum outro mundo. Algumas pinturas rupestres muitas vezes representavam a magia simpática, nas quais os desenhos simulavam o que se gostaria de encontrar no mundo real (por exemplo, no desenho, se um bisão fosse retratado sendo trespassado por uma lança, então isso "deveria" acontecer no plano real).

Com o passar dos séculos, esses primitivos animais pensantes provavelmente tentaram engendrar um mundo invisível, dominado por "forças desconhecidas" (as forças da natureza), como manifestações daquilo que eles começavam a lobrigar como espíritos, mais tarde chamados de deuses, em relação aos quais os homens se sentiam impotentes e subordinados, mas também consolados pela "descoberta" das causas dos "mistérios" do mundo. Assim, os deuses seriam a "explicação", a "justificação" e "causadores" de tudo

que existia. Através da magia, utilizando-se da dança, dos sons e dos rituais de oferendas, esses humanos primitivos procuravam dominar essas forças naturais com o objetivo de trazer benefícios para o grupo. Como o desconhecido é a gênese das crenças, essas primeiras "explicações" sobre o incógnito seriam a origem das superstições e da religiosidade?

Obviamente, pelas suas características, essas primitivas manifestações religiosas serviam de obstáculo para o esforço mental de se procurar entender, de maneira racional e investigativa, os fenômenos do universo, pois a curiosidade especulativa e racional, ontem e hoje, é natimorta numa mentalidade primitiva e grosseira. Esse esquadramento do universo, com questionamentos e reflexões, não se identificava muito bem com os povos primitivos nem com a massa hodierna, pois eles não se ocupavam com assuntos que exigissem um certo grau de discernimento, e que ultrapassassem a sua capacidade de cognição/percepção, posto que estavam mais preocupados com as questões costeiras do dia a dia. Diante de acontecimentos angustiantemente inexplicáveis, a massa ignara, primitiva ou moderna, totalmente desprovida do conhecimento das causas que provocam os fenômenos naturais, tem a tendência de aceitar como verdade uma explicação mais simples (reduccionismo), mais "digestiva" ao seu estágio intelectual, em detrimento do pensamento especulativo, refinado, racional, complexo e quase esotérico (é mais fácil transformar possíveis superstições em "realidade").

O homem foi "jogado" sobre a Terra, NÃO SABE nada sobre o seu destino (apenas CRÉ). NÃO SABE nada sobre a sua origem (apenas CRÉ), NÃO SABE sobre quem é (apenas CRÉ), mas sente medo do mistério da morte, sente receio quanto ao futuro, sente medo quanto ao desconhecido e sabe que vai ser submetido a muitas agruras provenientes não só da própria natureza, que a ele é indiferente, mas também dos males da sociedade. A consciência dessa realidade atroz, tanto para o homem primitivo quanto para o moderno, contribui para que a sua percepção seja evadida de angústias e conflitos. Para tornar a vida mais suportável, e com mais significados, o homem construiu a "sua realidade", criou seus mitos/superstições (com aura de verdade), elaborou a história da criação do mundo, passada oralmente de geração em geração, e depois escrita nos chamados textos sagrados, criou os seres divinos, que exorcizaram ou atenuaram o medo do futuro e contribuíram para resolver e dar sentido à existência. Com esse idealizado mundo divino, para o seu conforto, agora o homem já "sabe" de onde veio, quem é e para onde vai e, assim, foram propostos os primeiros passos para a religião (ligação do homem com o divino) institucionalizada ou não.

Talvez seja uma tendência mental e inconsciente do homem desejar sentir-se inserido em algo maior do que ele, qualquer coisa que possa reverenciar, respeitar, proporcionar-lhe segurança e, conseqüentemente, dar um sentido para a sua existência. Esse algo maior poderia ser representado, por exemplo, pelo engajamento em uma instituição de caridade (o coletivo é maior, pois contém o indivíduo), pela "sensação de perpetuidade" ao ter um filho, mas creio que a religião seja a forma mais comum dessa representação de "pertencimento". Ao se "ligar" aos deuses e, depois a um Deus, na fase monoteísta, talvez o homem já se sentisse mais protegido diante das forças da natureza, diante das doenças, da fome e, principalmente, frente à morte (mas precisamente do medo do que existe depois da morte, se é que existe alguma coisa).

Inicialmente, a sociedade humana foi politeísta. Os diversos povos do planeta Terra, cada um à sua maneira, expressaram a religiosidade. Assim, os deuses foram "surgindo", engendrados pelo homem, com o objetivo de atender às diversas necessidades humanas de sobrevivência, proteção e arrefecimento do medo quanto ao futuro, além, é claro, de serem considerados os "responsáveis" por tudo que existe. Na Grécia Antiga, por exemplo, como expressão clássica da criatividade humana, os deuses eram antropomórficos, possuíam as mesmas características físicas, virtudes e fraquezas humanas. Poseidon era o deus dos oceanos; Atena era a deusa da sabedoria e da guerra; Afrodite era a deusa do amor; Deméter protegia os campos dos agricultores, evitando a fome. Com o passar dos séculos, as religiões não eliminaram totalmente o politeísmo como referência, mas ele foi parcialmente destronado, saiu da moda, e o monoteísmo aos poucos assumiu o pedestal da "boa nova", com o surgimento do judaísmo, cristianismo e islamismo.

Por mais que se observem incoerências e paradoxos nas escrituras, para os que creem, isso não significa o arrefecimento da fé, muito pelo contrário, pois essas supostas incoerências e paradoxos se transformam em mistérios, que, por sua vez, são grandes "alimentos" da fé. Ou seja, a famosa frase "não podemos entender os desígnios de Deus" serve, para os teístas, como conforto e "resposta genérica" para todos os questionamentos religiosos que já foram feitos, são ou ainda serão. É mais ou menos como disse o teólogo romano do séc.III, Tertuliano: "Creio porque é absurdo". Aqui, o absurdo se refere àquilo que escapa ao racional, o qual pode ser entendido, enquanto que no mistério divino somente se pode crer, não é preciso entender. Além disso, para aqueles que têm fé autêntica, não a aparente, pouco importa sobre o que o racional diz, pois o que foge ao racional entra, confortavelmente, e sem precisar de explicações, na seara do divino.

Se você reza para que caia a chuva a fim de regar os campos, casualmente isso acontece; se você reza para que a sua melhor amiga recupere a saúde, casualmente

isso acontece a muitas pessoas; se você reza para que o dia seguinte seja ensolarado, casualmente isso também acontece. Ou seja, com prece ou sem prece tudo isso pode acontecer normalmente. Mesmo com a consciência desses acontecimentos naturais, independentemente de oração, creio que uma prece "atendida" seja um dos maiores fortificadores da fé, pois o teísta, principalmente o cándido, tem uma forte tendência de se impressionar pela "grandeza" do efeito da sua arduosa oração.

Além dos "bispos", padres e "missionários", o Papa também sabe muito bem sobre esse impressionismo religioso. Há alguns anos, em uma notícia de jornal, o chefe da Igreja Católica defendeu que Deus "tinha intervido" num caso médico em que a medicina não conseguia curar o paciente. Aqui, o Papa se utilizou de um sofisma, pois quando a medicina não consegue curar, e ocorre a cura "inexplicável" do paciente, não necessariamente a causa seria de natureza divina. Nesse caso, a afirmação ou a negação da "cura divina" são explicações mais simples para um teísta ou um ateuista, respectivamente. Já para o agnóstico, há algumas especulações: 1 - Deus PODE existir e intervir no caso; 2 - Deus PODE existir e Sua simples existência não necessariamente resulta na Sua interferência no caso; 3 - Deus não existe, e a cura do paciente se deu espontaneamente, sem ser do conhecimento da medicina a sua causa. Nesse tipo de situação, o agnóstico deixa a "porta aberta" para mais especulações, e todas elas são apenas possibilidades; já os teístas e ateuístas ficam com as "portas fechadas" em seus dogmatismos.

Sem ser terminativo, e considerando a história primitiva da relação do homem com a divindade (religião), creio que muitos construíram as suas crenças influenciados também pelas famosas três "provas" clássicas da existência de Deus: cosmogônica, teleológica e ontológica. Apesar dos nomes pomposos, a ideia de cada uma é simples: a cosmogonia se refere à origem/formação do universo: se o mundo existe, então ele foi feito por alguém, como nada existe sem uma causa, então esta seria Deus; a teleológica diz que o mundo foi criado por uma força divina e ordenadora com algum objetivo misterioso; a ontológica diz que se o homem tem a capacidade de pensar em Deus como um Ser absoluto, infinito, perfeito... então Ele existe. Das três "provas" esta última é hilária, pois, à exceção do esquizofrênico, como a força do pensamento poderia fazer com que alguma coisa existisse?

Considerando a existência de Deus, temos algumas outras questões estimulantes: como seria esse Deus? Ele seria transcendente ou imanente? Se fosse transcendente, Ele teria que forma? Esta seria antropomórfica? Deus poderia ser uma força não antropomórfica, não transcendente, sem inteligência, sem objetivo, sem consciência, indiferente ao mundo, sem atenção ao que acontece no universo, apenas um panteísmo spinozista, ou seja, Deus não está fora, mas é o próprio mundo. Ao contrário do Deus transcendente do cristianismo, por exemplo, o Deus de Espinosa não tem cabeça, tronco e membros, pois Ele está presente em tudo que existe, Ele é tudo que existe. Quando alguém faz a pergunta, "você acredita em Deus?", parece que todos já detêm o conhecimento da forma e da substância de Deus, bastando responder sim ou não. Einstein, ao receber esse tipo de questionamento feito por um repórter, deu uma resposta mais realista: "Diga-me, primeiro, o que o senhor entende por Deus".

Hoje, na chamada sociedade moderna, alguém poderia afirmar que os espíritos da floresta existem? Que os deuses gregos e os do politeísmo romano existem? Que os deuses mesopotâmicos Baal, Anai, Asera etc, que rivalizaram com o Deus do monoteísmo judaico (inicialmente os judeus foram politeístas) existem? Ou tudo foi produto da imaginação de uma época tentando "explicar o mundo"? Hoje, alguém poderia defender a existência dos deuses dos aborígenes dos diversos locais deste planeta? Atualmente, na chamada sociedade moderna, todas essas divindades primitivas não são consideradas uma espécie de primitivismo religioso, sem força de convencimento? Analogamente, as escrituras sagradas das três grandes religiões monoteístas (cristã, muçulmana e judaica), que também se originaram e prosperaram num ambiente de medo, de ignorância quanto ao futuro e do vazio da existência, da mesma forma que as religiões primitivas anteriores, não poderiam ser também apenas fruto da imaginação, da criatividade humana tentando explicar e dar sentido ao silêncio eterno (que apavora) dos espaços infinitos do universo, ao longo de séculos de história religiosa? SE assim for, a genuflexão em qualquer templo religioso PODERIA ser apenas um machucar de joelhos; a prece para uma divindade PODERIA ser apenas um pedido para a "argila" ou para qualquer outro material inanimado. Os textos sagrados da Bíblia e do Alcorão, por exemplo, foram concebidos numa época em que os olhos arregalados de terror eram dirigidos para os céus, em busca dos deuses para confortar as angústias e sofrimentos da existência. Depois que esses livros foram escritos, "explicando" a triade (de onde viemos, quem somos, para onde vamos) que angustia o homem, gerações foram pressionadas a aceitar a "explicação" que ali estava registrada como "verdade dogmática", como se o simples registro nos livros sagrados tivesse o "condão" de comprovação de alguma coisa!

A existência de Deus é uma possibilidade; a existência de Cristo é uma possibilidade. Se Cristo foi filho de Deus ou até mesmo o próprio Deus são possibilidades; a existência dos santos criados por decreto pelo Papa (depois dos processos de beatificação, comprovação! dos milagres e canonização) são possibilidades. Então por que a inexistência divina não seria uma possibilidade? Por que o culto ao NADA também não poderia ser uma OUTRA POSSIBILIDADE ?!



DESTAQUES DA SEMANA



O Núcleo de Bem-Estar Social – **NUBES**, em parceria com o **INSTITUTO TRAVESSIAS**, trouxe para a Seção Judiciária da Bahia mais uma abordagem inédita: A Perspectiva Psicoemocional do Câncer. O evento aconteceu nessa última quarta, 16/10, no horário das 14h, no auditório da Justiça. A **ASSERJUF** convidou todas as suas associadas e associados para participar da "Campanha do Rosa" que desafia você a mostrar todo o seu apoio em prol da prevenção e combate do **Câncer de Mama**. Mobilize seus colegas para **vestirem o rosa durante esse mês de conscientização**.



O Direito Animal na Contemporaneidade e a Comissão Especial de Defesa dos Animais OAB/Ba



Me. Prof. Yuri Fernandes
Advogado
Membro da CEDA OAB/BA



Dra. Carolina Busseni
Advogada Animalista
Vice-Presidente da CEDA OAB/BA
Membro da CPDA OAB NACIONAL
Conselheira da OAB-BA



Dr. Reynaldo Veloso
Advogado
Presidente da CPDA OAB NACIONAL
Presidente da CPDA OAB-RJ

22 Escola Superior de Advocacia
OUT 2019 **18h**
Rua do Cano, 136, 66, 2000 Mangabeira



Comissão Especial de Defesa dos Animais

ESA

OBITUÁRIO

Lamentamos informar o falecimento do **Sr. Waldir Almeida de Oliveira**, pai do associado **Cláudio Henrique Santos de Oliveira**, de **Ana Cláudia Oliveira Ortiz** (aposentada) e sogro de **Edimar Cardoso Correia de Oliveira**, ocorrido no dia 15 desse mês. O sepultamento aconteceu no Cemitério Jardim da Saudade.

Nossos pêsames à família!



DESTAQUES



A palestra "**Neurociências da dor**", ministrada pelo Dr. Carlos Henrique Tourinho, ocorreu, no dia 18 desse mês (outubro), no auditório da faculdade Unime, campus Paralela. O Fisioterapeuta Carlos Henrique Tourinho atende em nosso Espaço Terapêutico. Marque uma consulta **3617-2732**.



Colégio Nossa Senhora da Luz



Da Educação Infantil ao Ensino Médio

OS **PROTAGONISTAS DO FUTURO ESTUDAM AQUI!**

Tel: 3248-7403 @cnsluzoficial

Rua Ceará, 852 - Pituba

www.cnsluz.com.br